

## 21 DOS "35 SONNETS" DE FERNANDO PESSOA

Apresentação em português

Jorge de Sena

Em 1954, numa plaquete que é hoje rara, senão esquecida, o Clube de Poesia de São Paulo publicou, com uma breve apresentação de Adolfo Casais Monteiro, a edição bilíngüe de catorze dos "35 Sonnets" de Fernando Pessoa. A primeira e única edição deles havia sido o modesto folheto em que o seu autor os revelara em 1918. Até à publicação da Edição Aguilar da "Obra Poética" de Pessoa, organizada por Maria Aliete Galhoz, em 1960, pode dizer-se que os poemas em inglês que êle publicara, em folhetos, entre 1918 e 1922 (a primeira versão de **Antinous**, em 1918, os "35 Sonnets", do mesmo ano, e os **English Poems I-II** e **English Poems III**, de 1922, que são a versão definitiva de **Antinous**, o **Epithalamium** e **Inscriptions**), não eram conhecidos senão de raros estudiosos de Fernando Pessoa, não só porque os folhetos constituíam preciosidade bibliográfica muito inacessível, como a língua inglesa era, e ainda é, inacessível à maior parte dos estudiosos de literatura portuguesa. E do inglês de Fernando Pessoa, na maioria daquelas poemas, nem se fala...

O desafio que essa língua poética estabelecia, bem como a sentida urgência de que êsses poemas fôssem mais conhecidos (até pelo que de escândalo seriam para os moralistas bem-pensantes, e para quantos se alegravam da imagem frígida que a poesia de Pessoa, em língua portuguesa, deva dêle), pelo muito que continham de profundamente revelador do que viria a ser, ou já era então, o pensamento poético do seu autor, mais que uma vez me haviam tentado, em conexão com as pesquisas sôbre a cultura inglesa de Fernando Pessoa. Traduzir e publicar **Antinous** e o **Epithalamium** era, a vários títulos, impossível, a não ser no âmbito das obras completas que,

nesse tempo, andavam por outras e ciosas mãos. Um dia Casais Monteiro propôs-me e a José Blanc de Portugal, que nos lançássemos a traduzir os "35 sonetos", ou alguns dêles. Dos que então traduzimos se fêz a supracitada plaquete, quando Casais Monteiro veio para o Brasil. E a tradução dos sonetos ficou em dormência.

Em 1958, traduzi e publiquei, na página literária de **O Comércio do Porto**, de 9 de setembro, **Inscriptions**, catorze pequenos poemas. E, quando me fixei no Brasil, em 1959, trazia comigo a obrigação contratual de fazer a edição bilingüe, para as "obras completas" da Ática editôra (o editor oficial de Pessoa), dos poemas inglêses não-inéditos. Traduzi e entreguei à editôra **Antinous**, e alguns poemas dispersos em revistas ou estudos sôbre Pessoa. E convoquei Casais Monteiro a retomarmos a tarefa de traduzir os sonetos. Faltava traduzir vinte, porque eu trazia a tradução do I, que José Blanc de Portugal fizera. Dos catorze publicados com tradução, esta havia sido feita, para 8 (II, III, V, XI, XIII, XVII, XXVIII, XXIX) por Casais Monteiro, para 4 (X, XIV, XV, XXVII) por mim, e de 2 (XXI e XXV) a tradução era de ambos. Dos restantes vinte, traduzimos conjuntamente 4 (XVI, XXIV, XXVI, XXX), tendo eu traduzido os outros 16. Em resumo, neste empreendimento de traduzirmos os 35 sonetos, cabe-me a responsabilidade de ter traduzido 20, reparto-a corr. Casais Monteiro em 6, êle arca com 8, e José Blanc de Portugal com 1; o que não quer dizer que as traduções não tenham todas sido objeto de crítica e aprovação mútua.

A 30 de novembro dêste ano de 1965, cumprem-se trinta anos sôbre a morte de quem foi um dos maiores e mais influentes poetas da língua portuguêsa, um dos fundadores do Modernismo, e um dos maiores poetas universais dêste século. Mas êsse grande poeta portuguê e da língua portuguêsa poetou em inglês (chegou a conceber a hipótese, que lhe falhou, de ser um poeta para a Inglaterra), e pode mesmo dizer-se que tôda a sua vida pensou em inglês, tanto ou mais que em portuguê. É convicção minha que o cerne do seu pensamento poético tão complexo, se encontra nos "35 Sonnets" de tão difícil interpretação, pela densidade e pelos jogos de palavras a que o poeta nêles se entrega, usando de uma língua inglêsa extremamente literária, afim não só da poesia isabelina e jacobita (muito mais que de só o Shakespeare dos sonetos), mas também do esteticismo britânico do

Fim do Século. Não serão, êstes sonetos, da maior poesia que Fernando Pessoa escreveu; mas serão sem dúvida a seqüência poemática em que ele concentrou maior número dos seus temas, das suas obsessões, do seu gôsto de jogar com os contrários, e mais densamente meditou sôbre a vida e a morte, o destino e o acaso, a poesia e a não-poesia. Por isso, será oportuno, nesta ocasião em que se aprestam as comemorações, fazer incidir sôbre êles alguma atenção do público.

Algumas palavras ainda sôbre as traduções. No pequeno prefácio da plaquete contendo catorze sonetos traduzidos Casais Monteiro explicava, em 1954: “sem pretendermos, evidentemente, conseguir um equivalente em português à altura do original, procuramos ater-nos o mais possível tanto às características formais como ao pensamento que informa os sonetos. As nossas “transigências” resultaram sempre de uma impossibilidade; e essas transigências resumiram-se em sacrificar a rima, em todos os sonetos menos um, e recorrer por vêzes ao verso de doze sílabas. O sacrifício das rimas mostrou-se o menor de dois males, evitando-nos outro que seria uma visível traição ao espírito de Pessoa; com efeito, queríamos conservar a forma por êle escolhida, mas na medida em que ficasse nela o espírito das produções originais; o contrário seria um formalismo perfeitamente absurdo e estéril; ora nós vimos que, sacrificando a rima, não só conseguíam os que os sonetos ficassem muito mais “Pessoa”, do que no caso contrário, como, sobretudo, não deixam de ser sonetos, porque a rima não faz parte do seu “corpo”, digamos assim, e é na realidade um elemento secundário. O recurso aos versos de doze sílabas explica-se por motivo idêntico, pois que dez sílabas correspondem, em inglês, a mais palavras do que o mesmo número daquelas em português — isto para não falar nas possibilidades de concentração oferecidas pela própria construção gramatical inglesa”. Nas suas notas aos poemas ingleses, na edição Aguilar, Maria Aliete Galhoz diz daquelas traduções nossas: “Em colaboração, publicaram a versão livre para português de 14 dos sonetos. É uma tradução a todos os respeitos modelar pela intuição e pela conformidade, não literal, mas poética e de cuidado formal, com o original inglês”. O problema da tradução será sempre motivo de discussões eternas, enquanto persistirem critérios mitológicos da linguagem: a própria frase de M. A. Galhoz contém a contradição de que essas discussões se alimentam, apesar de quanto é

gentil no elogio, e quanto é compreensiva quanto aos critérios. É que as traduções que fizemos **não são livres**, caso em que se apoiariam muito mais na intuição que na reflexão sobre o texto. São, talvez, a busca do compromisso possível entre a literalidade (na qual não só se perde a "poesia", como se perde a ambigüidade de sentidos, com que a densidade poética se estabelece) e a transposição poeticamente livre, com a qual se fariam por certo traduções mais belas, mas muito menos exatas. É um preconceito total o supor-se que uma tradução literal é a mais fiel, já que a poesia não é "literalidade", mas "sentido múltiplo"; do mesmo modo que será sem dúvida: um pecado fazer belas poesias com as poesias dos outros, substituindo pelo mais bonito o difícil que haveria nelas. As traduções não pretendem, assim, como é tão grande defeito de muita tradução, ser **interpretativas** (embora seja impossível que até certo ponto não deixem de o ser), porque não cabe a um tradutor, mas a um comentador, dilucidar ou desfazer as complexidades e ambigüidades de um texto: fazê-lo numa tradução é traír êsse texto. As vêzes, a impossibilidade de manter-se um ritmo e um estilo forçou a que se optasse por uma linha condutora do discurso poético, nunca porém escolhendo arbitrariamente uma equivalência que o próprio texto não admitisse. O texto, sem deixar de ser complexo, pode às vêzes, pois, ter ficado mais simples. Reste-nos a consolação, e ao leitor, de que, mesmo assim, ainda haverá complexidade de sobra para fasciná-lo ou repeli-lo.

No texto bilíngüe adiante apresentado, cada um dos outros 21 sonetos agora publicados leva a indicação de quem o traduziu: 16 traduções pertencem-me, 4 são de Casais Monteiro e minhas, 1 é de José Blanc de Portugal.

Araraquara, São Paulo — Brasil — julho de 1965

Jorge de Sena

I

Wheter we write or speak or do but look  
We are ever unapparent, What we are  
Cannot be transfused into word or book,  
Our soul from us is infinitely far.  
However much we give our thoughts the will  
To ber our soul and gesture it abroad,  
Our hearts are incommunicable still.  
In what we show ourselves we are ignored.  
The abyss from soul to soul cannot be bridged  
By any skill of thought or trick of seeming.  
Unto our very selves we are abridged  
When we would utter to our thought our being.  
    We are our dreams of ourselves, souls by gleams,  
    And each to each other dreams of others' dreams,

IV

I could not think of thee as piecèd rot,  
Yet such thou wert, for thou hadst been long dead;  
Yet thou liv'dst entire in my seeing thought  
And what thou wert in me had never fled.  
Nay, I had fixed the moments of thy beauty  
Thy ebbing smile, thy kiss's readiness,  
And memory had taught my heart the duty  
To know thee ever at that deathlessness.  
But when I came where thou wert laid, and saw  
The natural flowers ignoring thee sans blame,  
And the encroaching grass, with casual flaw,  
Framing the stone to age where was thy name,  
    I knew not how to feel, nor what to be  
    Towards thy fate's material secrecy.

I

Seja falar, escrever, olhar sequer,  
Sempre inaparentes somos. Nosso ente  
Não pode, verbo ou livro, em si conter.  
A alma nos fica longe infundamente.  
Pensamentos que dermos ou quisermos  
Ser alma nossa em gestos revelada  
Coração cerrado fica o que tivermos,  
De nós mesmos é sempre ignorada.  
Abismos de alma a a'lma intransponíveis  
Por bem pensar ou manha de o parecer.  
Ao mais fundo de nós irreduzíveis  
Quando ao pensar o ser queremos dizer.  
    Sonhos de nós, as almas lucilantes,  
    E duns pr'a outros sonhos doutros antes.

IV

Não sabia pensar-te como podridão,  
E tal tu eras, pois morreste há muito;  
Tanto viveste no meu idear vidente,  
Que o que já foste em mim nunca fugia.  
Fixara instantes da beleza tua —  
Sorriso fluido, a prontidão do beijo,  
E o grato recordar bem me ensinara  
A conhecer-te assim sempre imortal.  
Mas, ao chegar onde tu jazes, vi  
As flôres que, sem culpa, ali te ignoram,  
E a relva tão casual que intrusa ajeita  
Ao tempo a pedra onde o teu nome estava,  
E que sentir não soube, nem que ser  
Ante o segrêdo mat'rial do fado.

Trad. de Jorge de Sena

VI

As a bad orator, badly o'er-book-skilled,  
Doth overflow his purpose with made heat,  
And, like a clock, winds with withoutness willed  
What should have been an inner instinct's feat;  
Or as a prose-wit, harshly poet turned,  
Lacking the subtler music in his measure,,  
With useless care labours but to be spurned,  
Courting in alien speech the Muse's pleasure;  
I study how to love or how to hate,  
Estranged by consciousness from sentiment,  
With a thought feeling forced to be sedate  
Even when the feeling's nature is violent;  
As who would learn to swim without the river,  
When nearest to the trick, as far as ever.

VII

Thy words are torture to me, that scarce grieve thee --  
That entire death shall null my entire thought;  
And feel torture, not that I believe thee,  
But that I cannot disbelieve thee not.  
Shall that of me that now contains the stars  
Be by the very contained stars survived?  
Thus were Fate all unjust. Yet what truth bars  
An all unjust Fate's truth from being believed?  
Conjecture cannot fit to the seen world  
A garment of its thought untorn or covering,  
Or with its stuffed garb forge an otherworld  
Without itself its dead deceit discovering;  
So, all being possible, an idle thought may  
Less idle thoughts, self-known no truer, dismay.

VI

Como o mau orador, demais livresco,  
De calor finto inunda o seu propósito,  
E, qual relógio, só desdobra em corda  
O que ser deveria do imo instinto;  
Ou como o prosador feito poeta,  
Sem ter no metro a música mais fina,  
Inútilmente cuida em conquistar  
Da Musa os seus favores em língua estranha;  
Eu estudo como odiar e como amar,  
Pela consciência alheio ao sentimento,  
Com pensado sentir forçado a suave,  
Quando, se natural, violento ele fôra.  
Qual quem, treinando-se a nadar em sêco,  
Ao quase já saber, não sabe nunca.

Trad. de Jorge de Sena

VII

Teus ditos me torturam, que a ti mal te doem —  
Que inteira morte anule minha inteira idéia;  
E me torturo, não porque de ti não creia,  
Mas porque me é impossível não descrever de ti.  
Será isso de mim que ora contêm os astros  
Pelos contidos astros, pois, sobrevivido?  
Seria um Fado injusto. Mas qual a verdade  
Que impede um vero Fado injusto de ser criado?  
Nenhuma conjectura o visto mundo acerta  
De cobrir com vestidos do seu pensamento  
Ou de com estofos reforjar um outro mundo  
Sem que ao seu morto engano ela mesma descubra;  
Assim, possível tudo, uma ócia idéia perde,  
Cientes de não mais verás, outras que o são menos.

Trad. de Jorge de Sena

VIII

How many masks wear we, and undermasks,  
Upon our countenance of soul, and when,  
If for self-sport the soul itself unmasks,  
Knows it the last mask off and the face plain?  
The true mask feels no inside to the mask  
But looks out of the mask by co-masked eyes.  
Whatever consciousness begins the task  
The task's accepted use to sleepness ties.  
Like a child frightened by its mirrored faces,  
Our souls, that children are, being thought-losing,  
Foist otherness upon their seen grimaces  
And get a whole world on their forgot causing;  
And, when a thought would unmask our soul's masking,  
Itself goes not unmasked to the unmasking.

IX

Oh to be id'e loving idleness!  
But I am idle all in hate of me;  
Ever in action's dream, in the false stress  
Of purposed action never act to be.  
Like a fierce beast self-penned in a bait-lair,  
My will to act binds with excess my action,  
Not-acting coils the thought with raged, despair,  
And acting rage doth paint despair, distraction.  
Like someone sinking in a treacherous sand,  
Each gesture to deliver sinks the more;  
The struggle avails not, and to raise no hand.  
Though but more slowly useless, we've no power.  
Hence live I the dead life each day doth bring,  
Repurposed for next day's repurposing.

VIII

Ah quantas máscaras e submáscaras,  
Usamos nós no rosto de alma, e quando,  
Por jôgo apenas, ela tira a máscara,  
Sabe que a última tirou enfim?  
De máscaras não sabe a vera máscara,  
E lá de dentro fita mascarada.  
Que consciência seja que se afirme,  
O aceite uso de afirmar-se a ensona.  
Como criança que ante o espelho teme,  
As nossas almas, crianças, distraídas,  
Julgam ver outras nas caretas vistas  
E um mundo inteiro na esquecida causa;  
E, quando um pensamento desmascara,  
Desmascarar não vai desmascarado.

Trad. de Jorge de Sena

IX

Oh ser ocioso amando a ociosidade!  
Mas eu todo me odeio no meu ócio;  
Sempre em sonhos de ação, ou no fingir  
Intenta ação que nunca será ato.  
Como uma fera no covil se enjaula,  
Querer agir, de excesso, me a ação prende,  
O não agir é desespero em raiva,  
Raiva de agir perturba o desespero.  
Como alguém que se afunde em treda areia,  
Cada gesto de fuga mais o afunda;  
Não val' lutar, e de não estrebuchar,  
Mais lento fim, não temos nós poder,  
Por isso eu vivo, ao dia, a morte vida,  
Sempre disposto a me dispor depois.

Trad. de Jorge de Sena



XII

As the lone, frighted user of a night-road  
Suddenly turns roud, nothing to detect,  
Yet on his fear's sense keepeth still the load  
Of that brink-nothing he doth but suspect;  
And the cold terror moves to him more near  
Of something that from nothing casts a spell,  
That, when he moves, to fright more is not there,  
And's only visible when invisible:  
So I upon the world turn round in thought,  
And nothing viewing do no courage take,  
But my more terror, from no seen cause got,  
To that felt corporate emptiness forsake,  
    And draw my sense of mystery's horror from  
Seeing no mystery's mystery alone.

XVI

We never joy enjoy to that full point  
Regret doth wish joy had enjoyèd been.  
Nor have the strength regret to disappoint  
Recalling not past joy's thought, but its mien.  
Yet joy was joy when it enjoyèd was  
And after-enjoyed when as joy recalled,  
It must have been joy ere its joy did pass  
And, recalled, joy still, since its being-past galled.  
Alas! All this is useless, for joy's in  
Enjoying, not in thinking of enjoying.  
Its mere thought-mirroring gainst itself doth sin.  
By mere reflecting solid life destroying.  
    Yet the more thought we take to thought to prove  
    It must not think, doth further from joy move.

XII

Qual quem vai só, com mêdo, por noturna estrada  
De súbito se volta para nada ver,  
Mas no senso do mêdo guarda o pêso ainda  
Dêsse nada abeirado que suspeita apenas;  
E o terror frio o leva para bem mais perto  
De algo que lá do nada lhe fascínio lança,  
E que, quando el' se move, p'ra assustá-lo mais,  
Não está, e apenas é visível, se invisível:  
Assim em pensamento volto-me no mundo,  
E nada nêle vendo não ganho coragem,  
Mas meu terror maior, por a não vista causa,  
A tal corpóreo pressentido vácuo entrego,  
    E o senso meu do horror de haver mistério eu tiro  
    De, sôzinho, não ver mistério de mistério.

XVI

Jamais o gôzo goza àquele ponto extremo  
Que a saudade requer gozado fôsse o gôzo,  
Nem ela tem poder que fruste o recordar  
Não do passado gôzo a idéia, mas a imagem  
Mas por ter sído gôzo quando foi gozado  
E ainda post-gozado como tal lembrado,  
Gôzo teve que ser antes de ser passado  
E gôzo ao recordar, pois ser passado dói.  
Ai! De que val' tudo isto, já que o gôzo está  
Não em pensar o gôzo mas em só gozá-lo.  
Seu refletir-se em idéia contra el' próprio peca  
Pois de só refletir destrói a vida sólida.  
Mas quanto mais pensamos em pensar provar  
Não se dever pensar, do gôzo mais fugimos.

Trad. de Adolfo Casais Monteiro e de Jorge de Sena

XVIII

Indefinite space, which, by co-substance night,  
In one black mystery two void mysteries blends;  
The stray stars, whose innumerable light  
Repeats one mystery till conjecture ends;  
The stream of time, known by birth-bursting bubbles;  
The gulf of silence, empty even of nought;  
Thought's high-walled maze, which the outed owner troubles  
Because the string's lost and the plan forgot:  
When I think on this and that here I stand,  
The thinker of these thoughts, emptily wise,  
Holding up to my thinking my thing-hand  
And looking at it with thought-alien eyes,  
The prayer of my wonder looketh past  
The universal darkness lone and vast.

XIX

Beauty and love let no one separate,  
Whom exact Nature did to each other fit,  
Giving to Beauty love as finishing fate  
And to Love beauty as true colour of it.  
Let he but friend be who the soul finds fair,  
But to none love outside the body's thought,  
So the seen couple's togetherness shall bear  
Truth to the beauty each in the other sought.  
I could but love thee out of mockery,  
Of love and thee and mine own ugliness;  
Therefore thy beauty I sing and wish not thee,  
Thanking the Gods I long not out of place,  
Lest, like a slave that for kings' robes doth long,  
Obtained, shall with mere wearing do them wrong.

XVIII

Indefinido espaço, que, por noite afim,  
Vácuos enigmas dois num negro enigma junta;  
Astros dispersos, cuja inumerável luz  
Repete um enigma além das conjecturas findas;  
Rio do tempo, havido em nascituras bôlhas;  
Abismo de silêncio, nem por nada enchido;  
Labirinto de idéias de que o dono é expulso  
Porque perdido é o fio e foi esquecido o p'ano:  
Quando medito nisto e em como estou aqui,  
Vazio pensador destas idéias sábias,  
Erguendo ao pensamento a minha mão que é coisa,  
Fitando-a com meus olhos de pensar alheado,  
A oração do espanto fita para lá  
Da treva universal tão solitária e vasta.

Trad. de Jorge de Sena

XIX

Que da beleza amor ninguém separe,  
Que a exata Natureza um de outro os fêz,  
Dando à Beleza amor como destino  
E a Amor beleza como vera cor,  
Amigo seja o que alma julga bela,  
E ninguém ame para além do corpo,  
Que o visto par unido assim dará  
Verdade ao belo em cada qual buscado.  
Só poderia amar-te por escárneo  
De amor, de ti, de minha fealdade;  
E sem desejo pois tua beleza  
Eu canto, em meu lugar graças aos Deuses,  
Não como o escravo que por reais trajos  
Anseia, e só de usá-los os corrompe.

Trad. de Jorge de Sena

XX

When in the widening circle of rebirth  
To a new flesh my travelled soul sha'l come,  
And try again the unremembered earth  
With the old sadness for the immortal home,  
Shall I revisit these same differing fields  
And cull the old new flowers with the same sense,  
That some small breath of foiled remembrance yields,  
Of more age than my days in this pretence?  
Shall I again regret strange faces lost  
Of which the present memory is forgot  
And but in unseen bulks of vagueness tossed  
Out of the closed sea and black night of Thought?  
Were thy face one, what sweetness will't not be,  
Though by blind feeling, to remember thee!

XXI

Thought was born blind, but Thought knows what is seeing.  
Its careful touch, decyphering forms from shapes,  
Still suggests form as aught whose proper being  
Mere finding touch with erring darkness drapes.  
Yet whence, except from guessed sight, does touch teach  
That touch is but a close and empty sense?  
How does mere touch, self-uncontented, reach  
For some, truer sense's whole intelligence?  
The thingonce touched, if touch be now omitted,  
Stands yet in memory real and outward known,  
So the untouching memory of touch is fitted  
With sense of a sense whereby far things are shown  
So, by touch of untouching, wrongly aright,  
Touch' thought of seeing sees not things but Sight.

XX

Quando no ampliante círculo do renascer  
A nova carne vier minha alma viajada,  
E de nôvo tentar a deslebrada terra  
Com a saudade antiga da pátria imortal,  
Hei-de revisitar os mesmos prados vários,  
Colhêr por novas flôres as velhas com o sentido,  
Que um hálito de fruste recordar detêm,  
De mais idade então do que serão meus dias?  
Lamentarei de nôvo estranhos idos rostos  
Dos quais a atual memória já está esquecida  
E só em vaguidões invisas se projeta  
Fora do mar fechado e noite do Pensar?  
Fôsse uma a tua face, e qual doçura fôra,  
Em cego sentimento embora, o recordar-te!

Trad. de Jorge de Sena

XXI

Pensar cego nasceu, mas sabe o que ver é.  
Seu cauto toque, formas e contornos lendo,  
Inda sugere a forma como algo que o ser  
O mero tato veste em escuridade errante.  
Se não da vista adivinhaða, o tacto ensina  
Que o tacto apenas é fechado e vácuo senso?  
Como, de si incréu, mero tocar atinge  
Da inteligência toda um mais vero sentido?  
A coisa que é tocada, ora omitida ao toque,  
Na memória é que fica, real e só exterior,  
Assim o intocante recordar do toque  
E senso de um sentido que às distantes coisas  
Mostra, tacto do intacto, tão erradi-certas,  
Que o pensar-ver do tacto as não vê mais Visão.

Trad. de Jorge de Sena

**XXII**

My soul is a stiff pageant, man by man,  
Of some Egyptian art than Egypt older,  
Found in some tomb whose rite no guess can scan,  
Where all things else to coloured dust did moulder.  
Whate'er its sense may mean, its age is twin  
To that of priesthoods whose feet stood near God,  
When knowledge was so great that 'twas a sin  
And man's mere soul too man for its abode.  
But when I ask what means that pageant I  
And would look at it suddenly, I lose  
The sense I had of seeing it, nor can try  
Again to look, nor hath my memory a use  
That seems recalling, save that it recalls  
An emptiness of having seen those walls.

**XXIII**

Even as upon a low and cloud-domed day,  
When clouds are one cloud till the horizon,  
Our thinking senses deem the sun away  
And sav "tis sunless" and "there is no sun";  
And yet the very day they wrong truth by  
Is of the unseen sun's effluent essence,  
The very words do give themselves the lie,  
The very thought of absence comes from presence:  
Even so deem we through Good of what is evil.  
He speaks of light that speaks of absent light,  
And absent god, becoming present devil,  
Is still the absent god by essence' right.  
The withdrawn cause by being withdrawn doth get  
(Being thereby cause still) the denied effect.

**XXII**

Minh'alma são figuras que perpassam hirtas,  
De alguma arte do Egito mais que Egito velha.  
Achadas numa tumba de ignorado rito,  
Onde em pó colorido o mais já se desfez.  
Que quer me signifiquem, sua idade é gêmea  
De padres cujos pés perto de Deus pisavam,  
Quando o saber, de grande, era por si pecado  
E homem demais, ao corpo, a simples alma humana.  
Mas quando inquiria o que é tal figurado eu,  
E o fitasse de súbito, o sentido perco  
Que tinha de o ter visto, nem já sei tentar  
Olhá-lo uma vez mais, nem a memória tem  
Um jeito como de invocar, salvo que invoca  
Um vácuo de ter visto essas paredes antes.

XXIII

Como de um dia rente e de forrada curva,  
Em que as nuvens são uma até ao horizonte,  
Nosso pensante senso julga o sol perdido  
E diz que "não há sol" ou que "sem sol estamos";  
E todavia o dia que el' falseia certo  
É desse invisol a própria efluxa essência,  
Por veras, as palavras a si próprias mentem,  
Da ausência a mesma idéia vem de estar presente:  
Ainda que, além do Bem, do que é só mal supomos.  
Fala da luz quem fala de uma ausente luz,  
E deus ausente, que demônio atual se torna,  
É sempre o deus ausente por de essência juz.  
A retirada causa, ao sê-lo, mais consegue  
(Sendo que é causa ainda) o denegado efeito.

Trad. de Jorge de Sena

XXIV

Something in me was born before the stars  
And saw the sun begin from far away.  
Our yellow, local day on its wont jars,  
For it hath communed with an absolute day.  
Through my Thought's night, as a worn rob's heard trail  
That I have never seen, I drag this past  
That saw the Possible like a dawn grow pale  
On the lost night before it, mute and vast.  
It dates remoter than God's birth can reach,  
That had no birth but the world's coming after.  
So the world's to me as, after whispered speech,  
The cause-ignored sudden echoing of laughter.  
That't has a meaning my conjecture knows.  
But that 't has meaning's all its meaning shows.

XXV

We are in Fate and Fate's and do but lack  
Outness from soul to know ourselves its dwelling,  
And do but compel Fate aside or back  
By Fate's own immanences in the compelling.  
We are too far in us from outward truth  
To know how much we are not what we are,  
And live but in the heat of error's youth,  
Yet young enough its acting youth to ignore.  
The doubleness of mind fails us, to glance  
At our exterior presence amid things,  
Sizing from otherness our countenance  
And seeing our puppet will's act-acting strings.  
An unknown language speaks in us, which we  
Are at the words of, fronted from reality.

XXIV

Alguma coisa em mim nasceu antes dos astros  
E viu, lá muito ao longe, começar o sol.  
Fusco, local, e nosso, o dia range no hábito,  
Por já ter comungado um dia absoluto.  
Pela noite mental, como de vestes cauda  
Ruge, que nunca vi, arrasto êste passado  
Que viu qual primo alvor o Possível dealbar  
Sôbre a noite anterior, perdiã, muda e vasta.  
Vêm de mais longe que o nascer de Deus alcança,  
Cujo nascer é só ter vindo o mundo após.  
O mundo é pois p'ra mim como, dito um murmúrio,  
Súbito ecoar dum riso de ignorada causa.  
Que isto tem um sentido, a conjectura sabe,  
Mas ter sentiãó é quanto o seu sentido mostra.

Trad. de Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena

XXV

Do Fado e nêles somos e nos falta só,  
Para lar seu nos vermos, um exterior à alma,  
E o Fado compelimos a desviar-se apenas  
Pela imanência del' no compêlir fatal.  
De extraverdade somos demais longe em nós  
Para sabermos quanto o que somos não somos,  
E vivemos no ardor da juventude do êrro,  
Porém jovens bastante p'ra ignorá-la atuante.  
Duplicidade falta-nos, para atentarmos  
Em nosso estar lá fora no meio das coisas,  
Da alteridade à parte o nosso aspeto pondo,  
Vendo os cordéis mexer do titerado arbítrio.  
Uma ignota linguagem fala em nós, em cujas  
Palavras inda estamos, contra o real voltados.

Trad. de Jorge de Sena

XXVI

The world is woven all of dream and error  
And but one sureness in our truth may lie —  
That when we hold to aught our thinking's mirror  
We know it not by knowing it thereby.  
For but one side of things the mirror knows,  
And knows it colded from its solidness.  
A double lie its truth is; what it shows  
By true show's false and nowhere by true place.  
Thought clouds our life's day-sense with strangeness, yet  
Never from strangeness more than that it's strange  
Doth buy our perplexed thinking, for we get  
But the words' sense from words — knowledge, truth, change  
We know the world is false, not what is true,  
Yet we think on, knowing we ne'er shall know.

XXX

I do not know what truth the false untruth  
Of this sad sense of the seen world may own,  
Or if this flowered plant bears also a fruit  
Unto the true reality unknown.  
But as the rainbow, neither earth's nor sky's,  
Stands in the dripping freshness of lulled rain.  
A hope, not real yet not fancy's, lies  
Athwart the moment of our ceasing pain.  
Somehow, since pain is felt yet felt as ill,  
Hope hath a better warrant than being hoped;  
Since pain is felt as aught we should not feel  
Man hath a Nature's reason for having groped,  
Since Time was Time and age and grief his measures,  
Towards a better shelter than Time's pleasures.

XXVI

O mundo é teia urdida só de sonho e de erro  
E uma certeza apenas tem nossa verdade —  
Que quando perscrutamos o mental espelho  
Nada sabemos nête por saber dali.  
Das coisas de um só lado é quanto o espelho sabe,  
E o sabe congelado em solidez perdida.  
Dupla mentira é pois sua verdade; o que  
Seu mostrar mostra vero é falso e está nenhures.  
Pensar enubla o momentâneo senso  
Co'uma estranheza, e nunca que o ser estranho mais  
O idear perplexo obtém: tiramos das palavras,  
Vero, mutável, certo, só o sentido delas.  
Sabemos falso o mundo, não o que é verdade.  
Mas pensamos, sabendo que jamais sabemos.

Trad. de Adolfo Casais Monteiro e de Jorge de Sena

XXX

Dêste, do visto mundo, triste senso ignoro  
Que verdade terá sua inverdade falsa,  
Ou se a florida planta dá também um fruto  
Em na realidade verdadeira ignoto.  
Mas como o arco-iris, nem da terra ou céu,  
É no frescor gotejante na suspensa chuva,  
Uma nem real esp'rança nem imaginária  
Cruza o momento em que a nossa dor expira.  
Mas visto à dor sentida como um mal sentirmos,  
Melhor que ser esp'rada é o penhor da esp'rança;  
Pois sentimos a dor qual sentir não devêramos  
Razão natural há de o homem ter buscado,  
Desde que o Tempo é Tempo e idade e pena o medem.  
Outro melhor abrigo que os prazeres do Tempo.

Trad. de Adolfo Casais Monteiro e de Jorge de Sena



XXXII

When I have sense of what to sense appears,  
Sense is sense ere 'tis mine or mine in me is.  
When I hear, Hearing, ere I do hear, hears,  
When I see, before me abstract Seeing sees.  
I am part Soul part I in all I touch —  
Soul by that part I hold in common with all,  
And I the spoiled part, that doth make sense such  
As I can err by it and my sense mine call.  
The rest is wondering what these thoughts may mean,  
That come to explain and suddenly are gone,  
Like messengers that mock the message' mien,  
Explaining all but the explanation;  
As if we a ciphered letter's cipher hit  
And find it in an unknown language writ.

XXXIII

He that goes back does, since he goes, advance,  
Though he doth not advance who goeth back,  
And he that seeks, though he on nothing chance,  
May still by words be said to find a lack.  
This paradox of having, that is nought  
In the world's meaning of the things it screens,  
Is yet true of the substance of pure thought  
And there means something by the nought it means.  
For thinking nought does on nought being confer,  
As giving not is acting not to give,  
And, to the same unbribed true thought, to err  
Is to find truth, though by its negative.  
So why call this world false, if false to be  
Be to be aught, and being aught Being to be?

XXXII

Quando sentido eu tenho do que ao senso surge,  
O senso é senso em mim já antes de ser meu.  
Quando ouço o Ouvir, antes que mesmo eu ouça, ouve.  
Se vejo, antes de mim o Ver abstrato vê.  
Parte Alma eu sou, parte Eu em tudo quanto toco —  
Alma pelo que atinjo de comum com tudo,  
E Eu a caída parte que faz senso tal  
Que posso errar por êle e senso meu chamar-lhe.  
O resto é meditar em que significado  
Terão explicações que súbitas se somem,  
Quais mensageiros rindo da mensagem que  
Tudo vem explicar menos a explicação,  
Como se havida a cifra de uma cripto-carta,  
Achamos que está escrita numa língua ignota.